

A POÉTICA DOS BORRÕES

Prof.^a Dr.^a Lileana Mourão Franco de Sá (UFAM)

Resumo:

Qorpo-Santo (1829-1883), enigma desafiador e um dos dramaturgos mais intrigantes do teatro brasileiro do século XIX, apresenta estranha e fantástica carpintaria teatral. Encontramos, no chão e nas paredes às vezes submersas de seus textos, as palavras habitadas de Arthur Rimbaud (1854-1891) o eu é um outro e Mikhail Bakhtin (1895-1975) ser o outro para os outros. Através da peça “Eu sou vida; eu não sou morte”, analisamos a polifonia qorposantense, de vozes transtornadas, multifacetadas, encarnadas em suas personagens, problematizando a comédia. A incompletude da linguagem e a desestabilização dos sujeitos permeiam a obra do autor gaúcho num jogo que consideramos vital, dinâmico, e outras vezes até verborrágico. Compartilhamos assim, a procura pelo outro, pelo reverso, pela contradição discursiva, jogo entre alteridade e identidade, silêncio e não-dito. O universo teatral caótico e às avessas do dramaturgo gaúcho impressiona-nos pela criação e pela elaboração de uma poética dos borrões.

Palavras-chave: teatro, poética dos borrões, vozes

Introdução

O eu se esconde no outro, nos outros, quer ser o outro para os outros,
entrar até o fim no mundo dos outros como outro,
rejeitar o fardo do único no mundo (o eu-para-mim).

Mikhail Bakhtin, *Estética da criação verbal*, 1992, p.388)

José Joaquim de Campos Leão, mais conhecido como Qorpo-Santo, pseudônimo que ele próprio se deu, nasceu na Vila do Triunfo, na então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, no dia 19 de abril de 1829. Tanto sua biografia como sua obra chegaram fragmentadas até nossos dias. Dramaturgo pouco conhecido do grande público viveu e produziu no século XIX, abordando temas ousados em relação aos que eram correntes no seu tempo, tais como: o incesto, o homossexualismo, o adultério, em peças cuja estrutura fugia totalmente ao padrão literário vigente: o teatro de costumes.

A obra do dramaturgo gaúcho *Ensiqlopédia ou seis mezes de uma enfermidade* foi composta em 1866 e em 1877 Qorpo-Santo empreendeu a edição de sua produção literária de nove volumes de textos de teatro, poesia, prosa, relatos autobiográficos e artigos de jornal, em sua própria tipografia, às próprias custas. O material que nos interessa é aquele do volume IV da *Ensiqlopédia*: as suas dezessete comédias escritas em 1866. Uma delas, *Uma pitada de rapé*, foi encontrada com apenas uma página. As dezesseis restantes são peças curtas e, quando levadas à cena, duram de vinte minutos a meia hora. A elaboração das peças foi considerada pelo emérito estudioso de Qorpo-Santo, Flávio Aguiar (1975, p. 44), como confusa e imprecisa. Para nós, sua dramaturgia é portadora de uma nova forma de visão artística.

1 O poeta dos borrões

Em uma reavaliação da obra qorpo-santense, entre 1966 e 1968, Flávio Aguiar (1997), observa que o perfil intelectual do dramaturgo gaúcho foi traçado de três maneiras: o escritor de mente incendiária, na visão dos editores do *Jornal do Brasil*, o doidinho de Porto Alegre, segundo

Luís Carlos Maciel, e o louco manso do Guaíba, de acordo com o entendimento de Guilhermino César. No bojo desses perfis vemos um outro, **o poeta dos borrões**. Em sua comédia O hóspede atrevido ou O brilhante escondido, Qorpo-Santo enuncia para o leitor: Esta comédia é apenas um borrão que deve passar pelas correções necessárias antes de ser impressa, tanto mais que foi escrita das 11 horas da noite de 30, às 3 quando muito da madrugada de 31.(Qorpo-Santo, 2001, p.41)

Se procurarmos nos dicionários, a palavra borrão tem uma conotação negativa, pejorativa, de ação indecorosa ou do indivíduo medroso. Encontramos também o sentido que vislumbramos a obra qorposantense: primeira feição de algo; texto escrito para emendar ou para aprimorar. A idéia de apontamentos, princípios, incompletude, notas se inscrevem nas comédias do artista José Joaquim de Campos Leão, operário e escafandrista da palavra tentando sempre decifrar o ego do verbo, uma das expressões do pensamento, mergulhando no chão profundo de conchas de textos reelaborados continuamente.

Por isso os rascunhos, os borrões. A palavra gerada do estranhamento, da inquietação do poeta Qorpo-Santo com a nomeação das coisas, com a desventura semiológica que consiste em aquartelar os espaços fechados e escuros e aí encerrá-la, descarrila-se do lento caminhar normativo, solicitando um mundo polissêmico.

As coisas gestadas no espírito de Qorpo-Santo estão aí nessa somatória de anos, breves e intensos, e na sua, e agora também nossa, *Ensiqlopédia*. A vivência dessa experiência dolorida e singular migrou para sua poesia e peças de teatro, numa **estética dos borrões** porque apagada e silenciada de várias maneiras. Entretanto, encontrou brechas para dizer-se. Seu teatro deve ser um laboratório para os estudiosos do teatro: diretores, atores, autores e público leitor e espectador. Muitas vezes esse laboratório-borrão está encarnado em uma de suas personagens: Não há dúvida, comecei por comédia e acabo por romance! Representar-se-á, portanto, em todo o mundo habitado, pela primeira vez, uma novíssima peça teatral tríplice chamada “comédia, romance e reflexões”!(Qorpo-Santo, 2001,p.70).

1.1 O hóspede atrevido ou O brilhante escondido

Em uma obra em que não há um critério seletivo, como a de Qorpo-Santo, falar em método e teoria é de certa forma ironizar uma vez que método é caminho e o nosso Qorpo-Santo pode parecer-nos, muitas vezes, à deriva. A intertextualidade circula no primeiro volume com as suas poesias, cerca de 530 fragmentos e alguns textos em prosa; no segundo os aforismos; no quarto as dezessete peças teatrais; no sétimo a reimpressão de alguns artigos do seu jornal; no oitavo as cartas e os depoimentos autobiográficos; e no último, textos diversos e interpretações do Novo Testamento.

Em nosso caminho pelo estranho e maravilhoso mundo de incompletude teórica de José Joaquim de Campos Leão Qorpo-Santo, encontramos indicações importantes que devem balizar nossas reflexões. A polifonia pontos de vista diferenciados, ponta de lança desse teatro, trata da pluralidade textual de vozes, o jogo com a palavra evanescente, exercitando o avesso da palavra e das coisas, dos conceitos, dos gestos, campos de forças em luta. A contradição movimentando e azeitando a máquina teatral qorposantense, pródiga em borrões, abriga todos os discursos. A personagem-escritor identifica-se, exibindo no primeiro plano da comédia, o teatro e sobretudo, a própria criação, força, sangue e coração de toda representação.

Lembramos aqui que a cultura oral russa legou a Bakhtin teorias sobre o carnaval. Complexo, com raízes fincadas no homem primitivo, possui uma linguagem simbólica entranhada nas ações de massa, exprimindo uma cosmovisão única, mas de formas diversas. Ao migrar para a literatura, o carnaval adquire o nome de carnavalização. A vida carnavalesca ou o mundo invertido na literatura é examinado por Bakhtin e disposto em categorias: o livre contato familiar, a excentricidade, as *mésalliances* (união de valores contrários) e a profanação.(BAKHTIN, 1977) Para Bakhtin, a força

da carnavalização na história da literatura está no ajuste entre gêneros, estilos, correntes herméticas do pensamento, num trabalho de reunir a dispersão. A comunhão do teatro de Qorpo-Santo e o carnaval nutrem os modos carnavalescos de suas dezessete peças ou suas poesias, interpretando artisticamente a vida em formas, símbolos, linguagens.

Qorpo-Santo é o hóspede atrevido, suas personagens cruzam e entrelaçam as palavras multifacetadas e promovem a ambigüidade sempre em torno do desejo e do prazer. Podemos reconhecer no discurso teatral qorposantense a voz do moralismo e seu avesso, pontuados por reticências. As várias máscaras sociais desfilam diante de nós sem um aspecto concludente, como se as personagens cavassem mais e sempre mais em seus discursos e de repente descobrissem que as coisas não são daquela maneira.

O marido de papelão, os maridos enganados, as mulheres prostitutas, as donas-de- casa, crianças e velhos são metáforas utópicas, projeto artístico de Qorpo-Santo e que traz em seu bojo um mundo geralmente democrático: nenhuma voz se impõe como a última palavra, o último gesto. Tudo é corroído pela ironia e pelo riso disfarçado no canto da boca como uma estrela em noite escura. Ou como um hóspede atrevido, dentro do grande hotel que é o teatro brasileiro do século XIX, e seu brilhante escondido, suas comédias, seus borrões.

2. Eu sou vida; Eu não sou morte

Eu sou vida; Eu não sou morte é a comédia selecionada para representar a poética dos borrões. Composta de quatro personagens e dois atos, No primeiro ato Lindo e Linda cantam à maneira dos repentistas, falando da vida e da morte. Linda previne o amado que não confie nas pessoas, comparando-as a um cão danado ou lobo devorador. Lindo, entretanto, muito confiante em si, acredita que os que o maltrataram estarão, na realidade, matando a si próprios. Linda faz suas declarações de amor a Lindo, àquele que ela considera seu *querido amigo*, reconhecendo ao mesmo tempo que o amor desse é fingido.

Em seguida, os dois irão fazer um jogo com as palavras, sublinhando partes do corpo, brincando com a sensualidade em tom bastante jocoso e surreal. Repentinamente surge uma personagem nominada rapaz, que reclama seus direitos sobre Linda, afirmando que é seu marido. A personagem *menina* tem apenas uma fala na peça :

- Papai! (Aproximando-se dele.) Que tem? Está doente? Me conte: — o que lhe aconteceu? O que foi? Diga, Papai, diga! Eu o curo, se estiver doente. E se não estiver, a mamãe há de curar! (p. 132). Seu papel serve para remeter a outros papéis :Pedra (entrando) — O que é, Papaizinho? O que é que quer? O que tem? Sucedeu-lhe alguma coisa? Não? (Pegando-lhe no braço.) (A separação de dois esposos, p. 91).

Como podemos verificar parece que as personagens saem de uma peça para a outra. As filhas exercitam em toda a obra de Qorpo-Santo o jogo da dissimulação. Na peça que ora analisamos, “Eu sou vida; eu não sou morte”, a filha tem a função do olhar, e embora compareça com apenas uma fala, carrega consigo essa característica dissimuladora que serve para nós como ponta de um grande iceberg: as relações familiares nem sempre tão serenas; pelo contrário, freqüentemente transpassadas de rancor e morte entre pais e filhos.

Voltando ao segundo e último ato, o Rapaz mata Lindo para ficar com a esposa e a filha de Lindo e Linda. Ao mesmo tempo em que defende sua honra, o Rapaz também decide o que seria bom para sua mulher:

- Hoje decidiremos (à parte) quem é o marido desta mulher, embora esta filha fosse fabricada pelo meu rival. (Desembainha a espada e pergunta para o rival;) A quem pertence esta mulher? A ti que a roubaste... que lhe deste esta filha? Ou a

mim que depois com ela liguei-me pelo sangue; pelas leis civis e eclesiásticas, ou de Deus e dos homens? Fala! Responde! Ao contrário, varo-te com esta espada! (QORPO-SANTO, 2001, p. 133)

Qorpo-Santo explode seu teatro em infinitos outros pedaços de personagens que se reinventam, e deixam aflorar os paradoxos da própria narrativa. A peça ou as peças desvelam ou desmodelizam as semióticas narrativas. No final da peça, o autor inseriu uma espécie de pequena narrativa clareando para o leitor a história desse triângulo:

Já se vê pois que a mulher era casada, foi antes desflorada, depois roubada ao marido pelo desflorador, etc.; que, passado algum tempo, encontrou-se e juntou-se a este; que o marido sentou praça como oficial; e finalmente que, para reaver sua legítima mulher, foi-lhe mister dar a morte física ao seu primeiro amigo, ou roubador. São portanto as figuras que nela entram: Lindo, roubador; Linda, mulher roubada; Japégão, legítimo marido; Manuelinha, filha. (Qorpo-Santo, 2001, p. 206)

A história de amor e morte e do trio composto de mulher-marido e amante não seria de fato tão interessante se o autor não deslocasse todas as funções das personagens. Por isso, o resumo da peça, ou seja, quem é o marido e quem é o amante? O sentimento dos amantes também é questionado. Linda deseja acima de tudo ser adoçada pelas palavras. Mesmo sabendo que o amor do amante é fingido. Relações humanas em cheque, o leitor-espectador não deve ter como medida o riso divertido, puro e simples.

A palavra, também personagem na obra qorposantense, vive em constante estado de mutação, experiência, avesso ou borrão: Lindo - Ah! Minha adorada prenda, tu que foste a oferenda que me fez o Criador em dias do mais belo amor, que pedes? Como pedes àquele que tanto te ama, mais que à própria cama?! (QORPO-SANTO, 2001, p. 198) Aqui a palavra surpreende o leitor. Aquilo que é aparentemente sem sentido, na realidade traz uma brincadeira, um jogo com a sonoridade das palavras, um faz-de conta.

Em Qorpo-Santo o tempo é abolido e o espaço flutua, escorrega e confunde-se como se tivesse muitos espelhos. Nessa peça o triângulo Lindo → Linda → Rapaz explicita para o leitor a questão do jogo teatral e o jogo das ações ou funções actanciais. As personagens desconstroem as forças do modelo canônico: Linda e Lindo brincam explicitamente com a sexualidade, com as relações matrimoniais e com a própria idéia de teatro. As personagens de Eu sou vida; eu não sou morte brincam com a tragédia: Ele — Que fazeis por estas paragens, onde não vos é mais dado vir, porque já vos não pertencem?!

Ela — (com ar satírico e mordaz) — Procuro-vos, cruel (QORPO-SANTO, 2001, p. 132)

Qorpo-Santo colocou na vitrine do cotidiano grotesco e belo de seu teatro, o velho com doença sexualmente transmissíveis, a velha feia, a mulher traidora, as filhas dissimuladas, o criado, o homossexual, o judeu como personagem-palavra, as referências ao país e a revolta contra a burocracia brasileira e, em citações reduzidas, aqui e ali, o negro. Com exceção do negro que não participou do jogo teatral, as demais personagens desfilaram, fantasiadas, na praça pública do carnaval qorposantense.

Os monólogos, a voz que dita seus borrões delineia-se como ponto de partida e abre espaço para questão da exotopia: só um outro pode nos dar acabamento, arrematar o nosso dizer, porque só o outro pode me olhar de uma perspectiva que escapa à minha visão. Teatro estilizado, de criação ambientada para o palco, para a discussão em torno da cultura popular que traz, no seu bojo o riso, o aspecto dual do mundo, o carnaval, o vocabulário da praça pública.

Qorpo-Santo fez leitores no “escurinho do cinema”, na literatura, nas iniciações científicas, nas teses e dissertações, na música, na poesia, na dança, e até na área da medicina. Há trabalhos que

já são releituras daquilo que foi dito ou escrito no seu teatro e sobre o seu teatro. Isso ocorreu em romances baseados em sua vida ou até mesmo sobre sua bibliografia.

CONCLUSÃO

O estudo da dramaturgia de Qorpo-Santo revela uma paixão pelo ato de escrever, que ele exercitou e tratou no seu ofício como tipógrafo, nas suas páginas de poeta e em outras tantas de sua dramaturgia. Impossível falar apenas da dramaturgia, porquanto esta encontra-se habitada pelo canto, pela poesia e pelas reflexões da escritura. Conforme observamos em nossa pesquisa, o próprio dramaturgo gaúcho perdeu-se nas dobras do discurso dramatúrgico, foi da tragédia à comédia, ou desta àquela. O manto bakhtiniano vestindo Qorpo-Santo, teve aqui em nosso trabalho uma função qorposantense de ser, ou seja, ele envolveu e desconstruiu nossa maneira de pensar o teatro.

Ao optarmos pelo teatro de Qorpo-Santo, penetramos nos entremeios de seu discurso **dos borrões**, com o propósito de compreender o projeto teatral de Qorpo-Santo. Conforme seu dizer, **quase** só ele entenderia as próprias obras. Completava esse pensamento com outro totalmente oposto, afirmando achar cedo para que os escritos fossem realmente suprimidos. Para finalizar, a leitura de Qorpo-Santo é inquieta, instável, **sem coerência**, na qual a linguagem dobra-se sobre si mesma para olhar o discurso como uma prática de liberdade e equívocos, pois nunca é totalmente liberdade, nem é tampouco isenta de falhas.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Flávio. **Os homens precários**; inovação e convenção na dramaturgia de Qorpo-Santo. Porto Alegre: A Nação/Instituto Nacional do Livro, 1975.

BAKTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão _Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**, Rio de Janeiro: Forense, 1997

QORPO-SANTO. **Teatro completo**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

RIMBAUD, Arthur. **Poésies complètes**. Paris: Librairie Générale Française, 1998